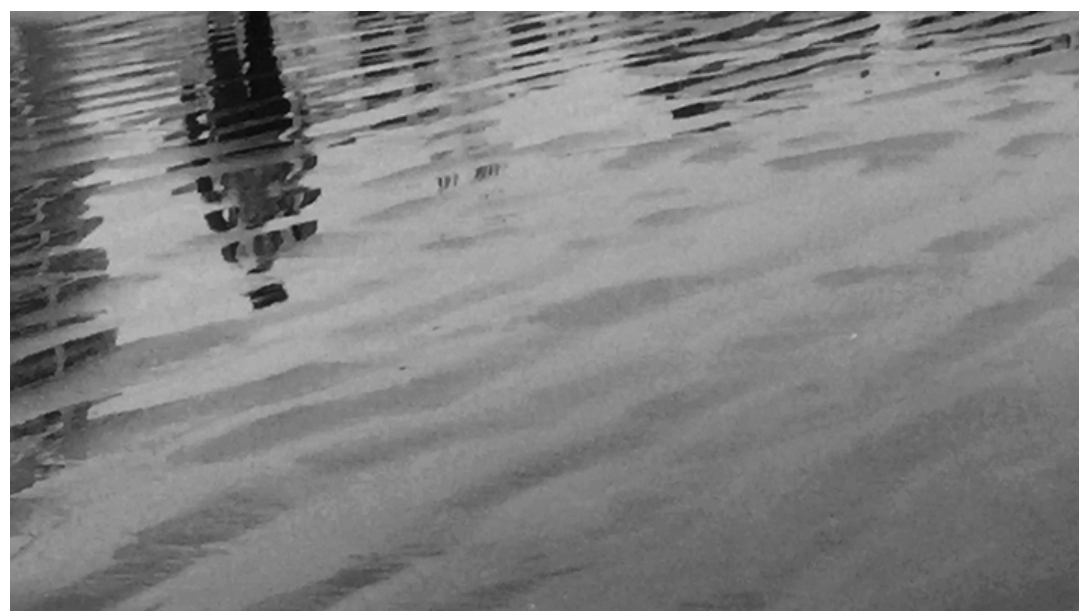


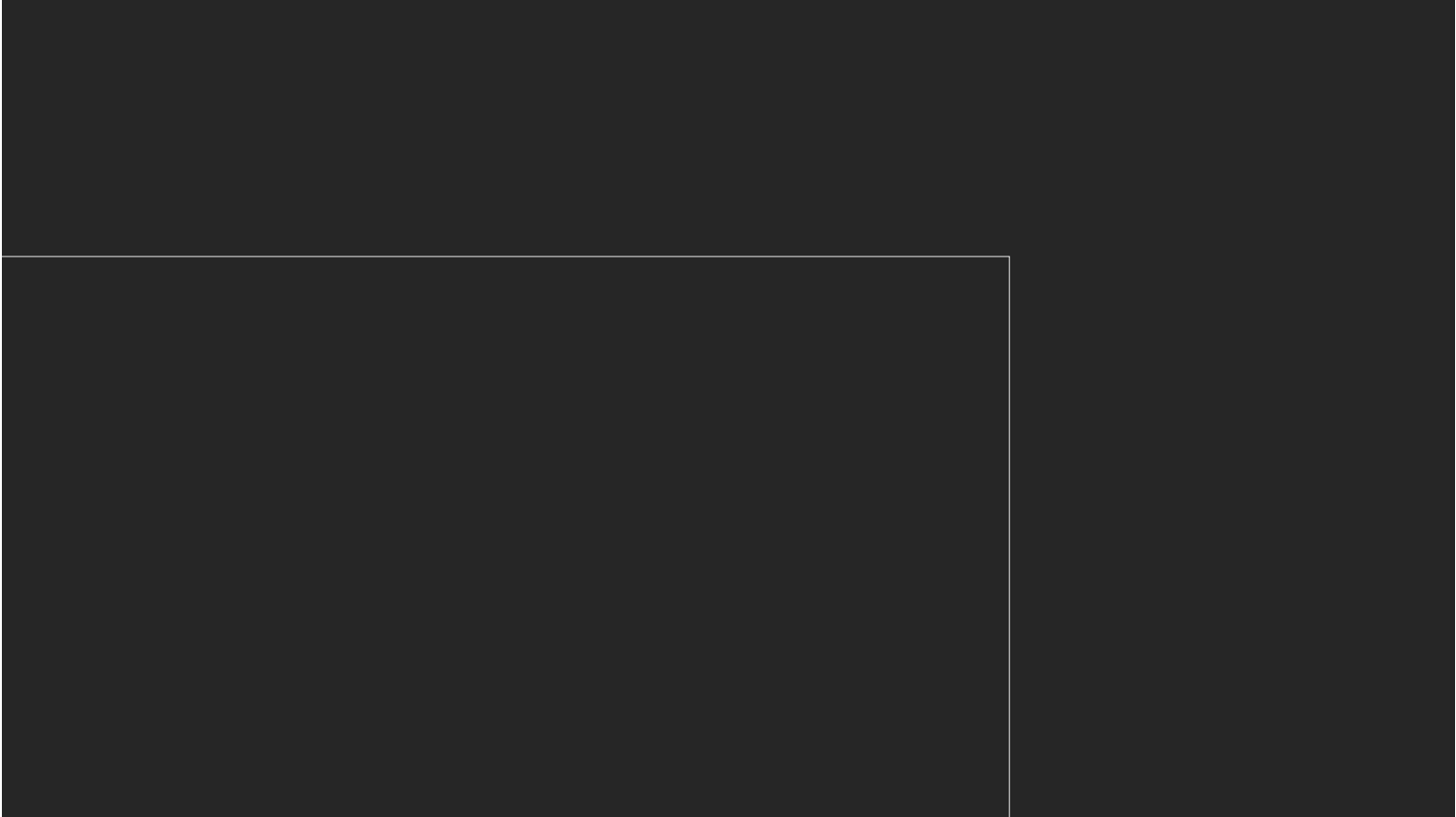
uma cartografia do cinema experimental brasileiro contemporâneo

seção portfólio, revista eco-pós, 2016 | 2. ufrj

uma cartografia do cinema experimental brasileiro contemporâneo

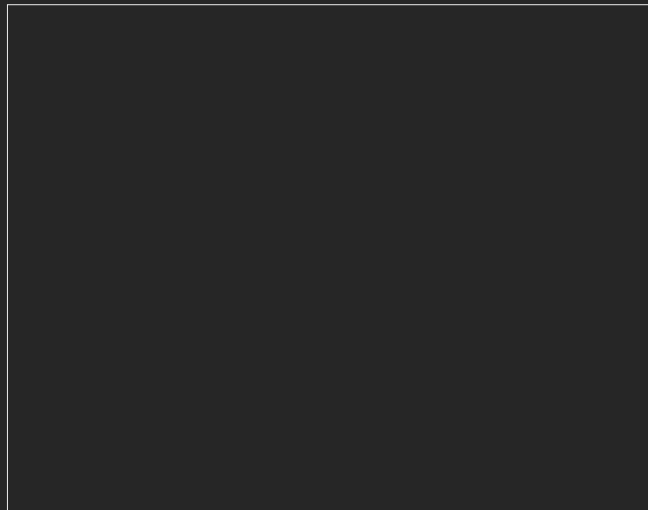
a editoria da **revista eco-pós** convidou alguns coletivos, artistas e cineastas brasileiros a participarem do *portfolio* desta edição 19.2 cinema experimental. eles teriam de escolher uma imagem, um *frame*, um *still*, algo que de alguma maneira representasse suas respectivas obras. estas imagens, *frames* ou *stills* poderiam vir acompanhadas, ou não, por uma legenda, um texto mais descritivo, explicativo ou mesmo poético. foram convidados: paolo gregori, yuri yirmeza, cao guimarães, coletivo maumau, louise botkay, cris miranda, neide jallageas, duo stranglescope, coletivo filé de peixe, marcellvs l., krefer, miro soares, arthur tuoto, carlos adriano e carlos magno. o nosso desejo era o vislumbre, ainda que tímido, ainda que na forma de um esboço, de uma espécie de cartografia plural e heterogênea do cinema experimental brasileiro contemporâneo.





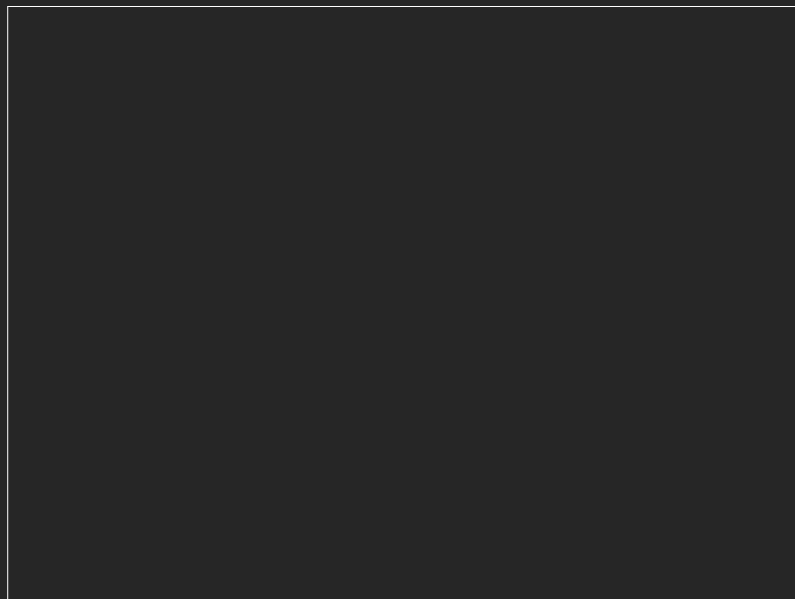
carlos adriano. *fotograma de sem título #3: e para que poetas em tempo de pobreza?*



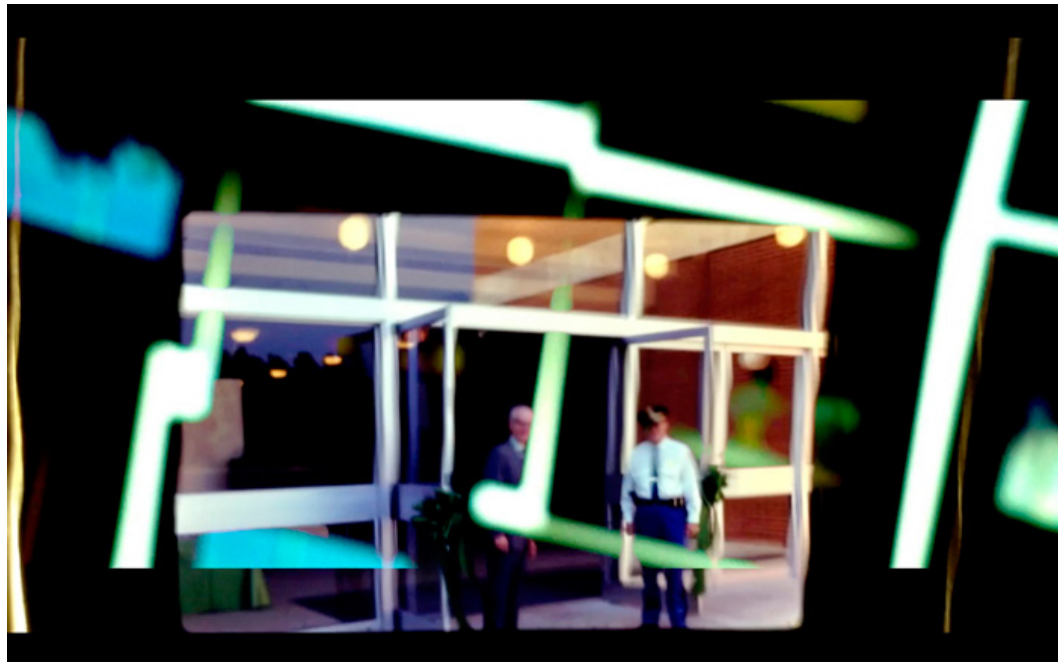


louise botkay, passei a infância no cap-haïtien, cidade ao norte de uma meia ilha do caribe chamada haïti. minha vida sempre será habitada pela lembrança e a experiência deste lugar misterioso e cálido. tenho a impressão de que tudo o que sou decorre dessa luz, desse vento, dessa terra, dessa infância crioula. frame do filme *estou aqui* (2016).



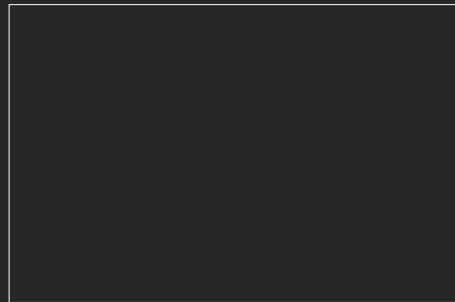


coletivo filé de peixe. *piratão* é uma prática artística que investiga e simula a economia informal e pirata para forjar um sistema de distribuição, acesso e circulação a trabalhos de videoartes e filmes de artista numa escala sem precedentes, rearticulados como um produto audiovisual, e não mais como objetos, voltados para a lógica do consumo, e não mais do colecionismo, vendidos a preço banal e com tiragem ilimitada. francamente inspirados nos dvds piratas comercializados informalmente, os *piratões* consistem numa mídia dvd printable + capa xerocada + embalagem plástica + carimbo manual + vídeos apropriados, comercializados somente no momento da ação, aos moldes e preços praticados pelos camelôs dos grandes centros urbanos. desde 2009 foram realizadas 20 edições do projeto, que já percorreu as principais capitais de todas as regiões brasileiras, ocorrendo tanto em ruas e praças, quanto integrando mostras e exposições no mam (rj), paço das artes (sp), caixa cultural (rj), santander cultural (pe), prêmio funarte artes visuais (pa/df), memorial da américa latina (sp), galeria a gentil carioca (rj), dentre outros, comercializando mais de 4.000 dvds *piratões*, num total de 8.329 vídeos difundidos.



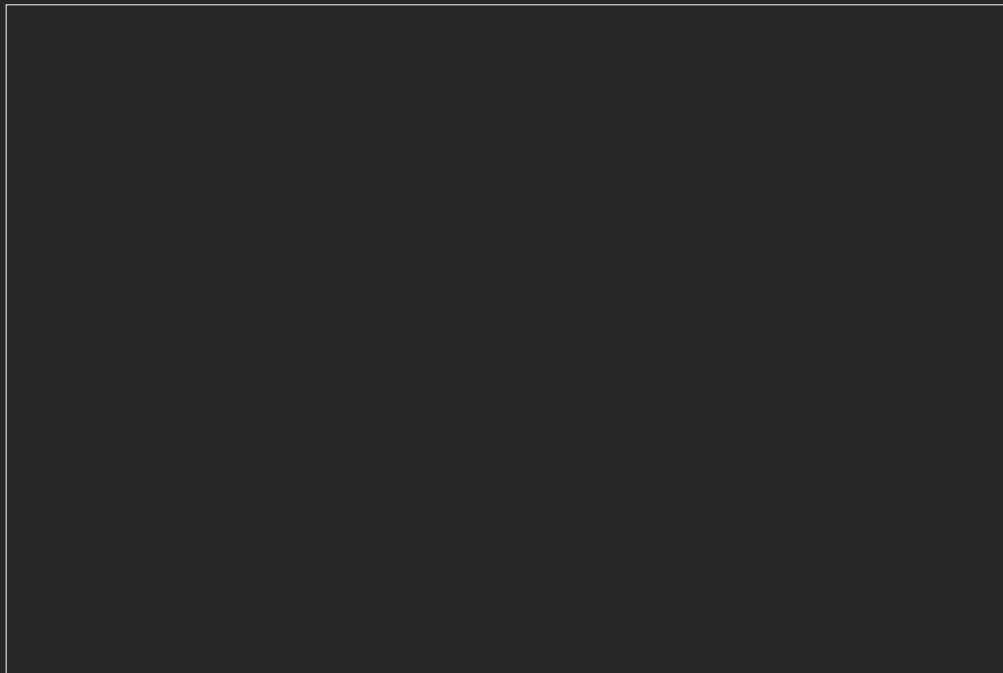
duo stranglescope. *child world.*



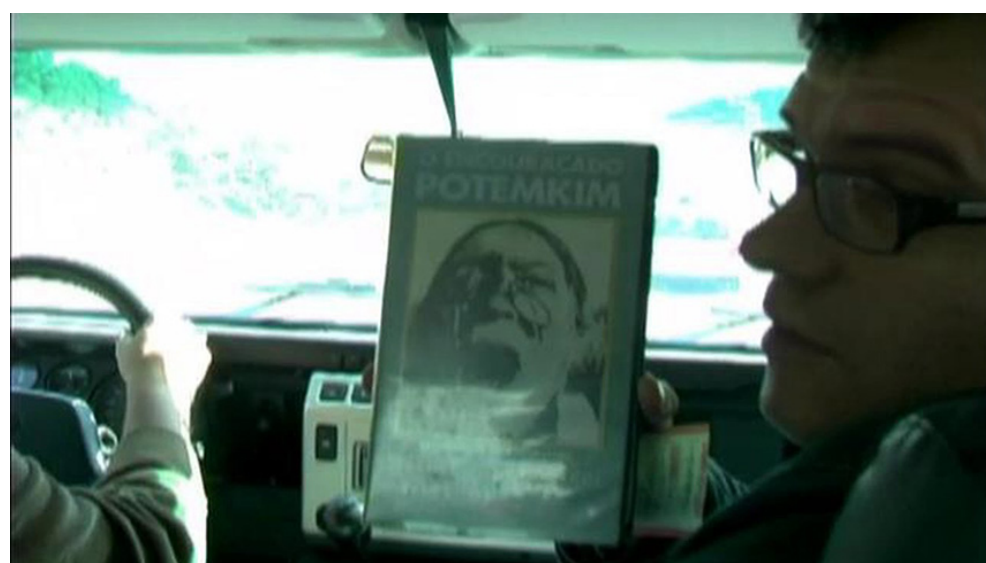


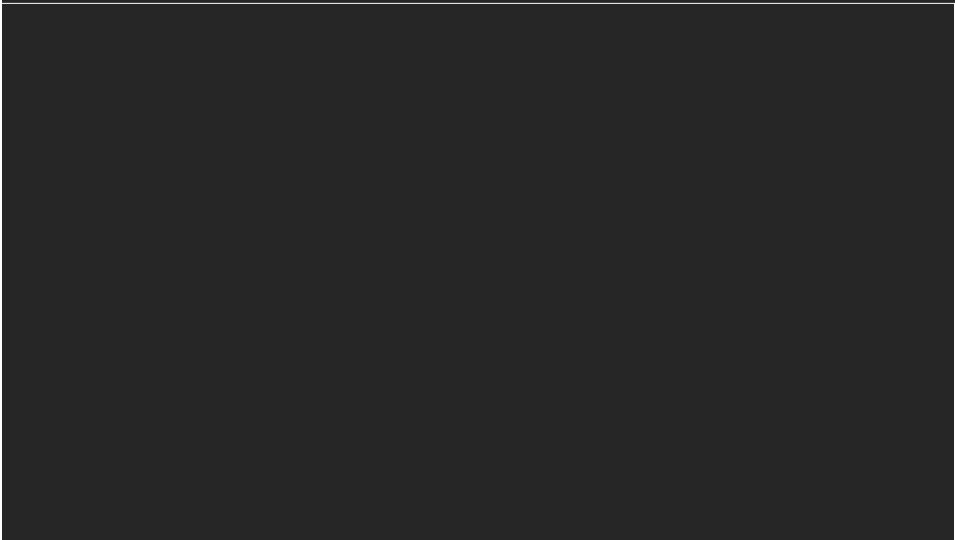
yuri firmeza. *sem legenda.*



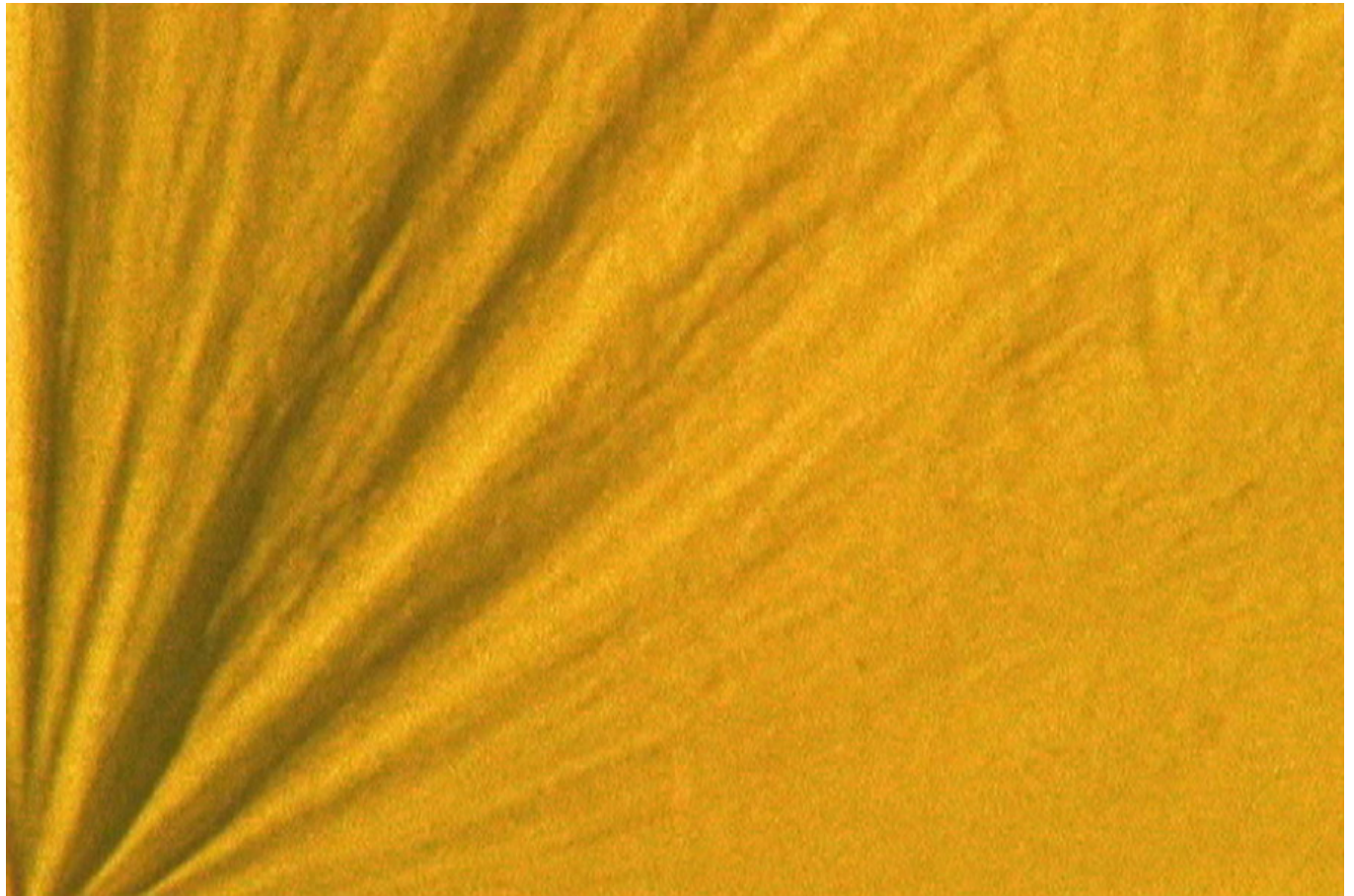


galeria mau mau - zzui ferreira. nesse momento escorre. um sito de guerra no encantamento. e tudo, esmagar o sentir. honestamente em mim... preencher o que falta. as palavras... se topam, numa sincera dor. esmaga, topam, chegam. esse corpo. o silêncio. e o tripúdio cabe aqui como presente teu. se gastam com ordens de morte. essas tais palavras de sangue finaliza. o verso que você plantou. esmaga. esmaga! exorcisa. despacha. regenera... e aqui. o corpo como comprimido parece escorrer. por qual dessas veias escorre. palavras de morte do sentimento. e o silêncio soa cavar. essa dor sobrevive embalada no sopro do silêncio. digerindo eu. e recorro para o oprimir. oprimir o intestino. donde esvai o pesar. das tripas o coração. dor atada na opressão desses dizeres. e recorro para o oprimir. onde? não cabe. o vazio nutrido. comprimido. privação. frustração quase. nada é morte. tudo ainda vivo. e as veias vão e vêm. e vá. e vá! assim parou. e morre aqui. no sopro do silêncio... e foi-se ao esquecimento. espreme aqui um sito de guerra. *destripo mi corazon* (2009).





paolo gregori. o assombro de uma imagem não deve sucumbir à banalização que sofre a iconografia contemporânea! o cinema depende deste assombro, prescindir dele seria o seu fim... frame do filme *o bebê de eisenstein* (2007).



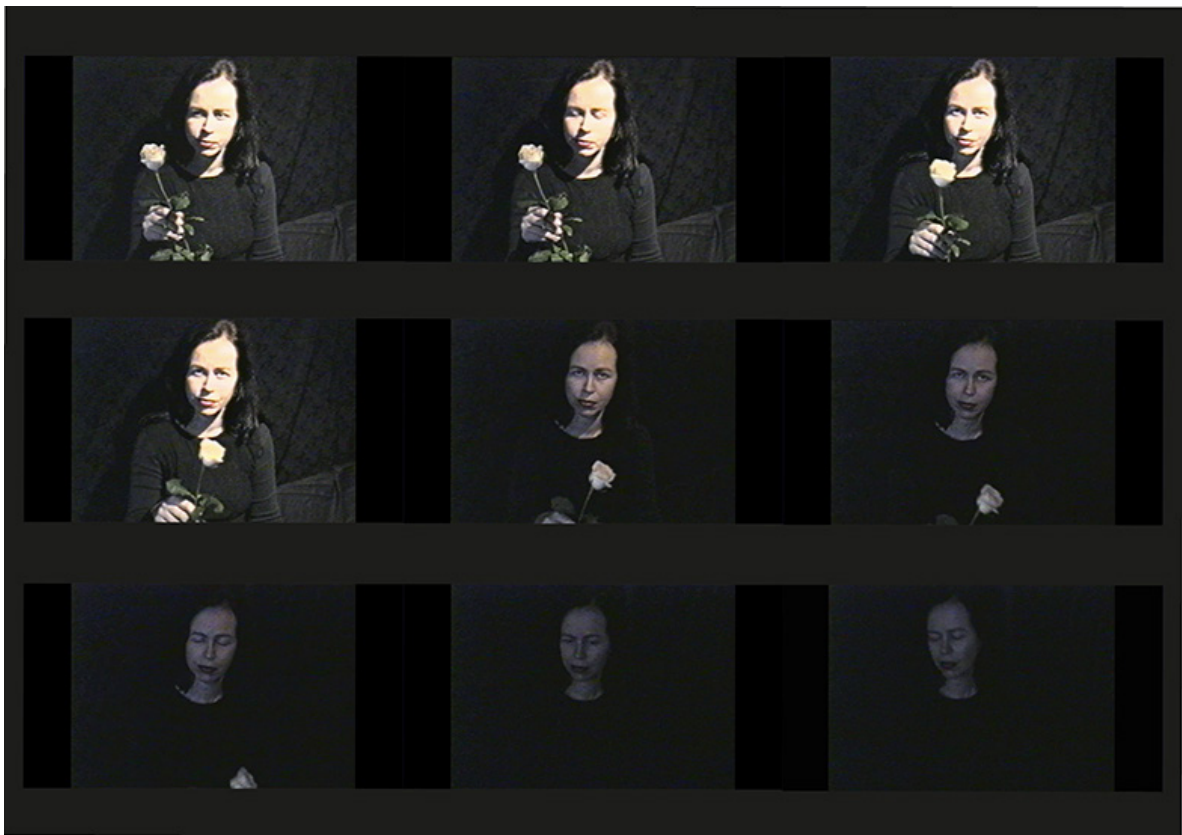
cao guimarães. *sin peso.*

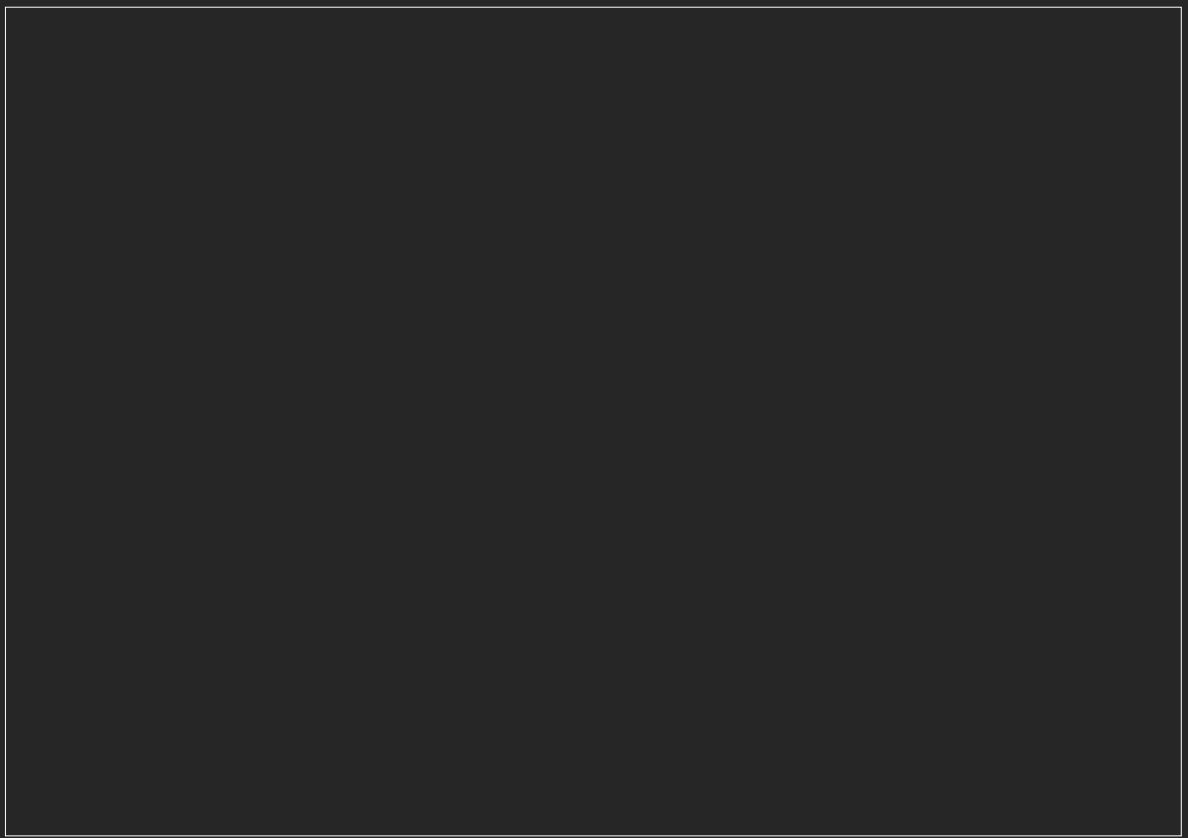


krefer & turca.

action painting n°1/n°2, curitiba/pr, 7', sem som, 2014.

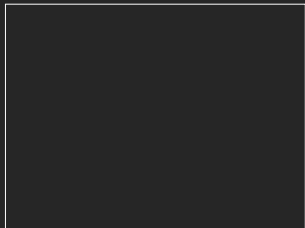






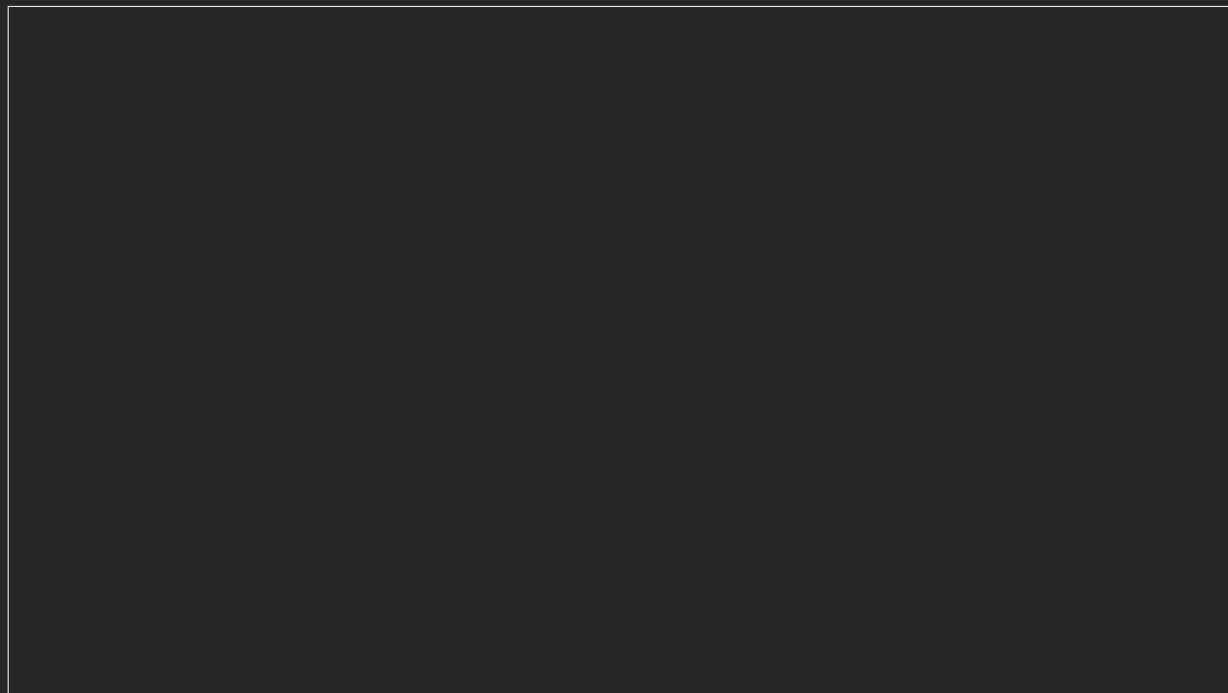
neide jallegeas. imagem da obra *intervalo* (2000), baseada no conto “a imitação da rosa”, de clarice lispector. a personagem laura tenta libertar-se de um impasse existencial. o gesto minimalista da artista se contrapõe à tensão das imagens e da trilha sonora de georg friedrich handel.





carlos magno.
fotógrafo e documentarista, paulistano.





marcellvs I. *slowontology*, 2014. vídeo e áudio em alta definição transferidos para disco rígido, instalação composta por três canais de vídeo e quatro de áudio sincronizados 49' 39".

inconsistências. alexarder kluge: o cosmo é frio. heiner müller: desonírico. alexarder kluge: desoniricamente frio.

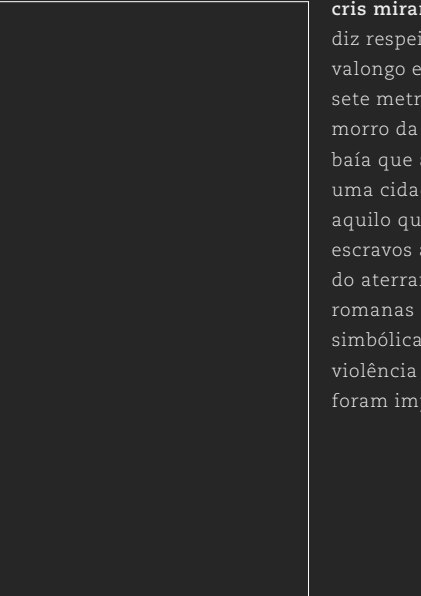
o trabalho de marcellvs I. transita na linha fronteira entre presença e ausência, consistência e inconsistência de realidade. ele dá indícios do espaço indecisorio entre 0 e 1 ou, a partir de um viés filosófico, entre o nada e a realidade. o cálculo infinitesimal examina os intervalos (infinitesimais) infinitamente pequenos nas diversas áreas da matemática. penso que o trabalho de marcellvs faz o mesmo. mas o faz com os recursos da arte. podemos distinguir dois registros; o registro da finitude (que é a realidade constituída, o mundo dos números reais) e o registro da infinitude (que descreve a irrealidade do zero ou do nada). traduzido para as categorias de lacan, seria essa a diferença entre realidade e real. tudo se define a partir da diferenciação dessas duas ordens, das quais a primeira demarca consistência e a segunda, inconsistência.

creio que marcellvs, em suma, insista na indefinição entre os registros de consistência e inconsistência. a cada vez, os seus filmes apontam para a linha divisória fantasmagórica, que tanto une quanto separa esses registros. daí o traço fantasmagórico de seu trabalho. chão e abismo se fundem. realidade e irrealidade se entrecruzam e, na medida em que se entrecruzam, geram uma zona intermediária fantasmagórica, que faz com que nossas certezas passem a oscilar. portanto, falaria de uma ontologia implícita na obra de marcellvs. a ontologia trabalha com o ser e com a presença. ela o faz, diferenciando a esfera do ser da esfera do nada, por exemplo já em parmênides. ser e nada, presença e ausência são categorias fundamentais da ontologia. mas a filosofia do século XX, na sequência de nietzsche, articulou-se como uma filosofia crítica da metafísica, questionando a ontologia. a desconstrução que derrida faz da metafísica logocêntrica é a desconstrução da correlata ontologia da substância e do sujeito. ela se dá através da junção das categorias da presença e da ausência. presença sempre é, também, ausência. só existe presença enquanto presença absenteísta. a categoria do desaparecimento torna-se central. deleuze, por sua vez, fala do devir. ambos, derrida e deleuze, reportam-se a maurice blanchot, cuja literatura (como alguns textos e filmes importantes de marguerite duras) abre um espaço fantasmagórico, que é o espaço indecisório entre o ser e o nada. É a zona fantasmagórica de uma instabilidade ontológica generalizada.

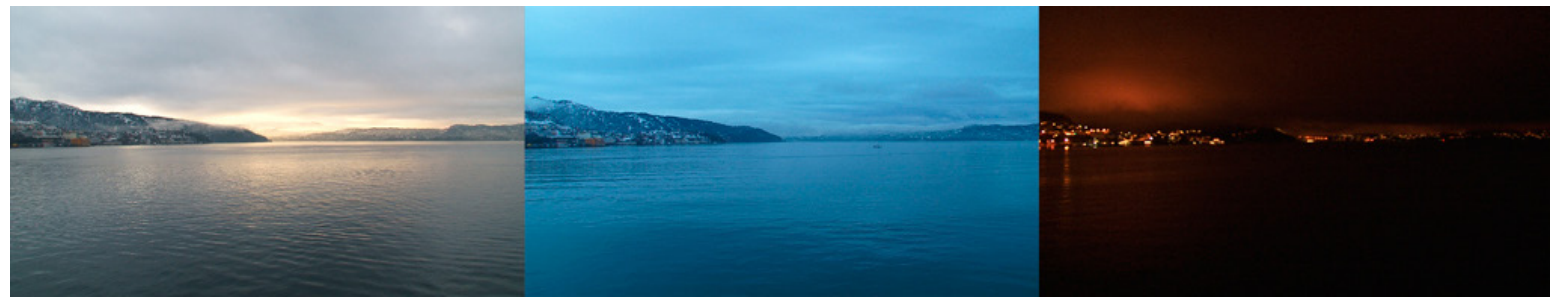
a realidade mostra-se como promessa de consistência que, no entanto, é quebrada. a realidade é uma ficção, uma narrativa. é uma espécie de tessitura com falhas, pelas quais sempre vemos transparecer a sua própria inconstância. deleuze chamou essa tessitura de plano de imanência, wittgenstein a chama de forma de vida ou jogo de linguagem. lacan fala da ordem simbólica. em todos os casos, trata-se de arquiteturas suspensas, estendidas como redes frágeis sobre o abismo da inconsistência, que deleuze, no esteio de nietzsche, chama de caos. os trabalhos de marcellvs apontam para dentro desse caos. e o fazem com grande precisão.

marcus steinweg.



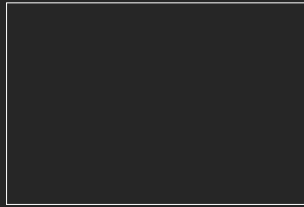
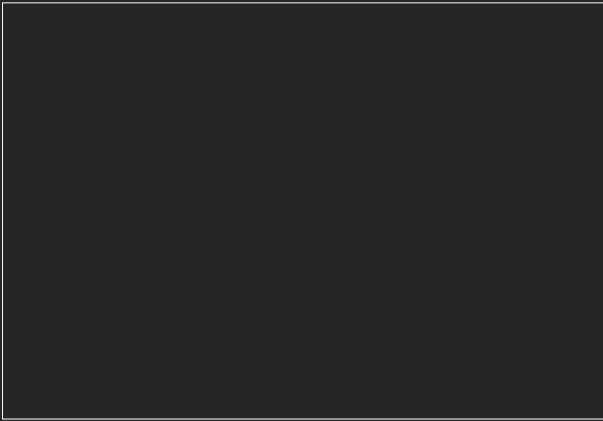


cris miranda. vende-se carne humana; sobre aquilo que nos diz respeito. as estátuas romanas do jardim suspenso do valongo escondem histórias de sangue e morte. um jardim a sete metros do chão, feito de longas escadas às margens do morro da conceição, de onde vigiam as curvas da guanabara, baía que a cidade insiste em ocupar. um monumento para uma cidade de escravos. vende-se carne humana; sobre aquilo que nos diz respeito traz a memória dos mercados de escravos ali existentes antes da construção do jardim, antes do aterramento do porto do valongo. cobrindo as estátuas romanas com palha de omulú, interrogamos as narrativas simbólicas das tantas opressões que nos constituem, a violência cotidiana de venerar símbolos distantes e que nos foram impostos. um gesto de enfrentamento e revelação.



miro soares. *one of these days* (2009). vídeo-instalação / hd / 1440' (24 horas) / bergen, noruega.
vídeo-instalação para espaço público, sincronizada com o período do dia.





lia letícia. *meia dúzia de maçãs.*



arthur tuoto. *disforme 1.*





ilustração da capa e projeto gráfico. luiz garcia